



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

HONORÉ DE BALZAC

A mulher de trinta anos

HONORÉ
DE BALZAC

A mulher
de trinta anos

Tradução de
ROSA FREIRE D'AGUIAR

Introdução de
ELIANE ROBERT MORAES





A MULHER DE TRINTA ANOS

HONORÉ DE BALZAC nasceu em Tours, em 1799, filho de um funcionário público. Passou quase seis anos interno em um colégio de Vendôme, depois se fixou em Paris, onde exerceu a função de estagiário em um escritório de advocacia e, posteriormente, de escritor freelance. Entre 1820 e 1824, adotando diversos pseudônimos, escreveu alguns romances, boa parte deles em colaboração, e, a seguir, tentou inutilmente a sorte na atividade de editor, impressor e tipógrafo. Aos trinta anos, muito endividado, retomou a literatura com grande empenho e escreveu o primeiro romance publicado em seu nome, *A Bretanha*. Nos vinte anos seguintes, escreveu cerca de noventa romances e contos, entre os quais muitas obras-primas que receberam o nome abrangente de *A comédia humana*. Como disse o próprio Balzac: “O que ele [Napoleão] não conseguiu concluir com a espada, eu o realizarei com a pena”. Faleceu em 1850, alguns meses depois de se casar com Evelina Hanska, a condessa polonesa com quem manteve relações durante dezoito anos.

ROSA FREIRE D'AGUIAR nasceu no Rio de Janeiro. Formou-se em jornalismo pela PUC do Rio de Janeiro e nos anos 1970 e 1980 foi correspondente em Paris das revistas *Manchete* e *IstoÉ* e do *Jornal da República*. Em 1986 retornou ao Brasil e desde então trabalha no mercado editorial. Traduziu do francês, espanhol e italiano cerca de cem títulos nas áreas de literatura e ciências humanas, de autores como Céline, Lévi-Strauss, Sabato, Balzac, Montaigne e Stendhal. É autora de *Memória de tradutora* (2004) e editora da coleção Arquivos Celso Furtado (Contraponto/ Centro Celso Furtado), na qual já publicou cinco títulos. Entre os prêmios que recebeu estão o da União Latina de Tradução Técnica e Científica (2001) por *O universo, os deuses, os homens*, de Jean-Pierre Vernant, e o Jabuti (2009) por *A elegância do ouriço*, de Muriel Barbery, ambos da Companhia das Letras. É presidente do Conselho Deliberativo do Centro Internacional Celso Furtado.

ELIANE ROBERT MORAES é professora de literatura brasileira na FFLCH-USP e pesquisadora do CNPq. Publicou diversos ensaios sobre o imaginário erótico nas artes e na literatura, e a tradução da *História do olho*, de Georges Bataille (Cosac Naify, 2003). É autora de, entre outros: *Sade: a felicidade libertina* (Imago, 1994), *O corpo impossível: A decomposição da figura humana, de Lautréamont a Bataille* (Iluminuras/ Fapesp, 2002), *Lições de Sade: Ensaios sobre a imaginação libertina* (Iluminuras, 2006) e *Perversos, amantes e outros trágicos* (Iluminuras, 2013). Organizou a primeira *Antologia da poesia erótica brasileira* (Ateliê, no prelo). Atualmente, desenvolve pesquisa sobre as figuras do excesso na prosa de ficção brasileira.

Sumário

Introdução — Eliane Robert Moraes

Prefácio da edição Béchét (1834) — Honoré de Balzac

A MULHER DE TRINTA ANOS

1. Primeiras faltas
2. Sofrimentos desconhecidos
3. Aos trinta anos
4. O dedo de Deus
5. Os dois encontros
6. A velhice de uma mãe culpada

Notas

Cronologia

Outras leituras

Introdução*

ELIANE ROBERT MORAES

A começar pelo título, os números têm particular importância neste livro. Prova disso é que dificilmente o leitor consegue atravessá-lo sem ceder à tentação de fazer algumas contas. Prova ainda mais contundente é que, uma vez cedendo, não há como evitar novos cálculos: a curiosa aritmética de Honoré de Balzac nos envolve quase tanto quanto sua mais famosa trama romanesca, com a qual ela parece travar um pacto secreto.

Se tal afirmação pode causar surpresa a quem estranha a relevância dos algarismos num texto literário, convém lembrar que mais surpreendente é o fato de que, neste caso, as cifras nada ou quase nada esclarecem. Ou, dito de outro modo, elas parecem se intrometer no meio das letras menos para explicar que para confundir. O exemplo mais cabal está na idade da heroína, que, por dar título ao romance, supõe-se ser seu tema central. A rigor, não é o que acontece: das seis partes que compõem *A mulher de trinta anos*, apenas uma se propõe a investigar a protagonista nessa idade; as outras a examinam em momentos distintos da vida, chegando a flagrá-la até na velhice.

Além disso, é digno de nota que as idades da personagem, uma vez cotejadas entre si, não batem umas com as outras. Para ficarmos num só caso, remetendo de novo ao título do livro, vale citar uma contradição que se observa justamente quando Balzac faz coincidir os trinta anos de Julie d'Aiglemont com a data de 1821: ora, levando-se em conta que as páginas anteriores atribuíam 26 anos à heroína em 1820, não é difícil concluir que, tendo transcorrido apenas um ano, ela teria completado tão somente 27. Na ponta do lápis, nunca é demais insistir, esses cálculos nem sempre conferem.

Para que o leitor tenha uma ideia do tamanho do imbróglio, cumpre acrescentar que a própria data de 1820 evocada no mesmo episódio, assinalando a chegada de Julie ao vilarejo próximo a

Saint-Lange, é objeto de incontornáveis dúvidas. A passagem faz referência à morte de Arthur Ormond, seu apaixonado, que não só teria ocorrido antes do confinamento da jovem senhora no campo, como também o teria motivado. Essa é apenas uma entre muitas incoerências a justificar o impulso da contabilidade no ato da leitura.

Os exemplos se multiplicam e, por certo, não cabe esgotá-los no espaço desta introdução. Mas talvez se deva ao menos mencionar o fato de que, durante um bom tempo, Balzac iniciou o sexto episódio indevidamente no ano de 1842: uma vez que o romance começa em 1813, narrando a última revista de Napoleão a suas tropas, e avança por mais 31 anos nas partes seguintes, a cena final só poderia se passar em 1844. Todavia, a data equivocada figurou em várias edições por mais de uma década, só tendo sido corrigida à mão pelo próprio autor num volume que, reeditado bem mais tarde, se tornou objeto de disputa entre bibliófilos.

Uma possível chave para compreender a recorrência de tantas contradições cronológicas está no método de trabalho de Balzac. Como se sabe, em matéria de método — ou, talvez fosse melhor dizer, maneira —, o escritor francês foi um caso único nas letras europeias. Sua prodigiosa produção literária, composta de aproximadamente 85 romances, evoca tanto os meios aristocráticos quanto a pequena burguesia, quer em Paris quer na província, desenvolvendo teses políticas, sociais ou psicológicas com a mesma verve, além de arquitetar as mais incríveis intrigas romanescas, por vezes cedendo ao gosto por conspirações, influências ocultas e sobressaltos melodramáticos. Não estranha que uma obra ambiciosa, extensa e complexa como esta demandasse um artífice de qualidades incomuns, que se abandonava ao processo de criação efervescente e de invenção febril ao qual se costuma ligar seu nome, mas igualmente à obsessão pela correção, pela revisão e pelo rearranjo dos escritos. O resultado desse ritmo frenético de trabalho era tão plural quanto sua maneira de criar, podendo ora dar num volume completo, ora numa profusão de notas que viriam a ser objeto de novos arranjos e combinatórias. Escusado dizer que nem sempre o tempo corria a

favor do autor e não raro ele se permitia a publicação de um texto sem o acabamento do qual um perfeccionista jamais abriria mão.

Foi correndo esse risco que Balzac publicou *A mulher de trinta anos*, livro que reúne uma série de fragmentos dispersos, escritos durante mais de uma década em resposta a demandas de vários tipos e a motivações diversas. A história do texto, de tão complicada, chega a ser fastidiosa e recobre uma exuberância de datas. Apresentado *in fini* como obra dos anos 1828-44, o romance consiste em uma colagem de inúmeros episódios sucessivamente desdobrados, reagrupados ou fundidos até chegar à sua forma definitiva, com o título que conhecemos, e entrar para um dos mais notáveis conjuntos de *A comédia humana*, ao qual Balzac deu o nome de *Cenas da vida privada*.

O problema das contradições cronológicas, porém, não se esgota aí: ainda que seja pertinente considerar as condições em que o volume foi produzido, é igualmente possível imaginar razões menos óbvias para tais imprecisões, o que exige outras vias interpretativas. Ou seja, além de reflexos de um processo de criação, os despropósitos numéricos que resultam dos cálculos de idade ou data se impõem como incógnitas que pedem decifração. Não se deve esquecer que o próprio autor advertia, já no prefácio à edição de 1832, que esses disparates ocultavam uma “unidade secreta de inspiração”. Não se deve esquecer ainda que a ideia geral e vaga de um romance em torno da mulher madura já ocupava a cabeça de Balzac no início dos anos 1830, sensibilizado que ele era por esse tema, sobretudo por ter sido, durante muito tempo, confidente de senhoras mais velhas, às quais inclusive devia sua formação. Entre elas se destacava a figura de Laure de Berny, que ele preferia chamar de “a Dileta”, com quem manteve um longo relacionamento na década anterior. Sendo 22 anos mais velha que o escritor, essa mulher desempenhou em sua vida os papéis de mãe, amiga e amante a um só tempo. Não por acaso, o convívio íntimo entre ambos coincidiu com a escrita de *A fisiologia do casamento*, que, publicado em 1829, deixa evidente o enorme interesse do autor pela questão feminina, que, aliás, nunca o abandonaria. Difícil não

atribuir a essa questão um lugar privilegiado na unidade secreta da história de Julie.

Como, então, negar a força estruturante desses números imprecisos que, recorrentes nas linhas e nas entrelinhas do livro, aparecem mais para confundir que para explicar? Como não reconhecer o mistério que exala dessa inusitada equação entre uma história feminina e uma incógnita aritmética? Como, sobretudo, não perceber aí a configuração de um enigma?

Uma coisa é certa: entre os grandes enigmas que inquietaram a sensibilidade oitocentista poucos repercutiram tanto quanto aqueles urdidos em torno da figura feminina. Do início ao fim do século, e com intensidade cada vez maior, a mulher foi concebida como uma criatura por excelência misteriosa, demandando enorme empenho de decifração por parte de artistas, filósofos e cientistas. De Stendhal a Zola, de Goethe a Nietzsche, de Charcot a Freud, muitos foram os que se dedicaram a essa tarefa, decididos a investigar as profundezas desconhecidas de um objeto que, quanto mais abordado, mais parecia resistir às interpretações. Entende-se por que ela foi constituindo um enigma que atendia por muitos nomes, entre os quais “eterno feminino”, “mulher fatal”, “continente negro” e tantos outros forjados no período.

Balzac esteve entre os primeiros a se abandonar a tal investigação, e o fez com tanto vigor e paixão que, apesar de nem sempre ter mantido o rigor formal que marca suas melhores criações literárias, a época lhe conferiu a reputação de grande conhecedor do coração feminino. Com efeito, a publicação de *A mulher de trinta anos* o notabilizou e, ainda que tenha encontrado certa resistência por parte dos censores e dos críticos, essa foi amplamente compensada por uma legião de leitores — melhor dizendo, de leitoras — que se deixava levar pelo romantismo sem reserva das melancólicas aventuras de sua heroína.

Ou, para sermos mais exatos, de suas heroínas, no plural. Como se sabe, a protagonista do romance remete a diversas outras personagens que o escritor havia criado antes dela. A rigor, Julie

pode ser considerada uma espécie de síntese de um tipo feminino muito particular que já estava, havia algum tempo, na mira do autor, pois não era apenas a mulher madura que lhe interessava, mas sobretudo a mulher moderna. Afinal, era essa que, aos seus olhos e aos de seus contemporâneos, se oferecia na incontornável condição de enigma.

Tratava-se, portanto, de conjecturar a respeito da vida dessa nova mulher, para entender de que forma ela suportava os deveres que lhe cabiam depois do casamento, da maternidade e de todas as obrigações que essas duas instituições carregavam consigo. A visão da sra. d'Aiglemont sobre sua condição não era nada auspiciosa e, sem a menor reserva, ela se permite expressá-la diante de um padre:

O casamento, instituição sobre a qual se apoia hoje a sociedade, faz-nos sentir, só a nós, todo o seu peso: para o homem a liberdade, para a mulher os deveres. Devemos aos senhores toda a nossa vida, os senhores só nos devem a sua em raros instantes. Por fim, o homem faz uma escolha ali onde nós nos submetemos cegamente. Oh, ao senhor posso dizer tudo! Pois bem, o casamento, tal como se pratica hoje, parece-me ser uma prostituição legal. (p. 110)

Balzac retomava aí uma ideia insinuada alguns anos antes em *A fisiologia do casamento*, mas agora a colocava na boca de uma moça que, sem papas na língua, denunciava a hipocrisia dos costumes daquela sociedade. Não estranha que a concepção do matrimônio como prostituição legal viesse a figurar num panfleto radical como o *Manifesto do partido comunista*, publicado em 1848 por Karl Marx, leitor atento da obra balzaquiana. Não estranha igualmente que, com tais pensamentos em mente, a jovem senhora que está no centro da trama fosse desenhada como uma criatura que, à medida que o romance progride, se desencanta cada vez mais, terminando seus dias como a desilusão em pessoa.

Desilusão que, diga-se de passagem, ultrapassa seus contornos para se estender a outros personagens do livro, sugerindo que Balzac estava menos preocupado com a psicologia individual de sua protagonista que com a crítica a certo espírito de época. Tome-se, a título de exemplo, a longa passagem de forte tom stendhaliano em que o jovem Charles de Vandenesse apresenta suas convicções ao leitor:

Onde encontrar energia em Paris? Um punhal é uma curiosidade que se pendura num prego dourado, que se enfeita com uma bonita bainha. Mulheres, ideias, sentimentos, tudo se assemelha. Aqui não existem mais paixões, porque as individualidades desapareceram. As posições, os espíritos, as fortunas foram nivelados, e todos nós adotamos o traje negro como para nos pormos de luto pela França morta. Não amamos nossos iguais. Entre dois amantes é preciso haver diferenças a apagar, distâncias a superar. Esse encanto do amor se desvaneceu em 1789! Nosso tédio, nossos costumes insípidos são o resultado do sistema político. (p. 121)

Não há como negar que os dois personagens compartilham o mesmo forte desencanto para com o mundo que os cerca e, por certo, é esse sentimento que vai aproximá-los. Alinhados à sensibilidade romântica, ambos parecem comungar a sensação de vazio, de falta de sentido da vida, que desde o fim do século XVIII assombrava os corações mais sensíveis da Europa, tendo ficado conhecida na França como o *mal de vivre*. Vistos sob esse prisma, Julie e Charles formam o par perfeito do realismo romântico de Balzac.

Convém atentar, porém, para uma diferença significativa entre os enamorados que os coloca em posições distintas frente à vida social. Entediado, o jovem Charles se propõe como espectador de uma civilização que agoniza sem deixar nenhuma esperança no horizonte, o que explica o tom nostálgico de suas palavras. Já a trágica Julie, pessoa madura e vivida, se impõe pela lucidez da

crítica dirigida a uma sociedade que mal acabara de despertar e já se vangloriava de suas falsas promessas de felicidade. Os traços que, a princípio, sugerem as afinidades entre os personagens não se sustentam num plano mais complexo, evidenciando a distância que os separa. Reconhece-se nessa diferença a modernidade da protagonista do romance.

Não se confunda, porém, a modernidade da sra. d'Aiglemont com o comportamento liberal de certas contemporâneas suas que se exibiam livremente pelos salões, teatros ou ruas de Paris. Antes, seu caráter moderno se expressava naquele “admirável sangue-frio que a delicadeza natural das mulheres lhes permite ter muitas vezes nas grandes crises da vida”, ou ainda nas suas “longas meditações”, a desmentir a suposição de que “uma jovem mulher só pudesse pensar em frivolidades, como se quase sempre não existisse um sentido profundo nos pensamentos de uma mãe de família”. Julie era moderna, sobretudo no seu modo de pensar.

Voltemos aos trinta anos, a título de conclusão. A moldura acima pode ser um bom ponto de partida para interrogar o privilégio dado por Balzac a essa idade. Isso porque, se ele afirma ser esse momento “o auge poético da vida das mulheres”, é antes de tudo por supor nele uma “profundidade na alma” que só decorre da experiência. Interessam-lhe, pois, menos os “atrativos irresistíveis” que um homem jovem vê nessa “mulher experimentada” que o fato de ela estar entre as raras criaturas “que sabem dar uma linguagem à sua atitude”. Ademais, a crer no narrador, em matéria de amor ela sempre sai na frente quando comparada às mais jovens:

A moça tem apenas uma coqueteria, e acredita ter dito tudo quando tirou o vestido; mas a mulher tem inúmeras e esconde-se sob mil véus; por fim, afaga todas as vaidades, e a noviça só lisonjeia uma. Aliás, na mulher de trinta anos agitam-se indecisões, terrores, temores, perturbações e tempestades que jamais se encontram no amor de uma mocinha. (p. 128)

Esboça-se aí um perfil feminino inusitado para a época, que será desdobrado com vigor ao longo de todo o século XIX. Não importa se seus criadores tenham ou não lido o romance, a verdade é que se podem identificar traços da jovem senhora balzaquiana na Emma Bovary de Flaubert, na Anna Karenina de Tolstói, na Nora de Ibsen e em tantas outras personagens afins que surgiram depois dela. Heroínas trágicas que, cada qual a seu modo, também colocaram o casamento e a maternidade em xeque, sendo todas elas igualmente marcadas por indecisões, terrores, temores, perturbações e tempestades. Que essas suas sucessoras tenham sido compostas com maior apuro formal, sobre isso não há a menor dúvida. Mas tampouco há como negar que o autor de *A comédia humana*, ao criar a figura de Julie d'Aiglemont, foi o primeiro a fazer da mulher o centro das contradições da sociedade moderna.

Seriam acaso essas contradições a dar a tal “unidade secreta de inspiração” de que fala Balzac?

É bem provável que sim. Aliás, contradições não faltam neste romance, a começar pelo fato de que ele é, a um só tempo, realista e romântico. Sua protagonista consegue ser tão sonhadora quanto calculista, tão silenciosa quanto eloquente, tão iludida quanto cética. Ora ela sucumbe às galanterias de um desprezível “sedutor de caserna”, ora sustenta argumentos que expressam o mais lúcido feminismo *avant la lettre*; ora ela representa o exemplo acabado da mãe abnegada, ora parece tratar a maternidade tão somente como um fardo; ora se abandona aos transportes mais extremos da paixão, ora expressa um implacável sangue-frio ao lidar com as emoções. Julie é um poço de contradições, e isso nunca escapou a seu criador.

Por volta de 1834, o escritor redigiu, num caderninho de notas, alguns apontamentos sobre o livro, publicado na ocasião sob o título de *Mesma história*, observando que se tratava de um volume “composto de fragmentos destacados, aparentemente sem pé nem cabeça, mas que têm um sentido lógico e secreto”. A anotação retomava a questão da unidade que o inquietava no mencionado prefácio de 1832 e à qual ele retornaria outras vezes, como que

insinuando uma chave de leitura. Não estranha que, dois anos depois, ele voltasse a tocar no mesmo ponto ao redigir um novo prefácio que, incluído na presente edição, avança na argumentação ao postular que “existiriam em toda a obra incoerências mais fortes se o autor fosse obrigado a ter mais lógica do que têm os acontecimentos da vida”.

Para levar a termo tal projeto, que buscava nada menos que um paralelo estético para as contradições da vida, Balzac criou um moderno romance-colagem, emendando cenas, fundindo episódios e agrupando personagens, sem observar o rigor da coerência, nem tampouco obedecer a qualquer fórmula constante de incoerência. O que lhe interessava era outra coisa, bem mais complexa que a mera história de vida da sra. d’Aiglemont, como ele esclarece de forma notável no mesmo prefácio de 1834, quando seu livro ainda não respondia pelo título definitivo: “O personagem que atravessa, por assim dizer, os seis quadros de que se compõe *Mesma história* não é um rosto; é um pensamento”.

Eis aí, em poucas palavras, o sentido lógico e secreto que preside *A mulher de trinta anos*, afirmado com singular clareza: o que o texto propõe é uma linha de raciocínio e não um retrato. Eis aí a tão procurada unidade do romance, cuja surpreendente modernidade está justamente em abrir mão daquele obstinado intento de figuração realista — que impunha ao personagem a obrigação de ser igual a uma pessoa viva, real, concreta —, para então concebê-lo como uma ideia. Não se tratava, pois, de representar determinada mulher, mas de transformá-la no lugar em que convergiam as contradições sobre o que significava ser mulher naquele momento.

Entende-se o descaso do autor para com as incoerências de sua mais conhecida ficção. Se Julie nada mais era que o ponto de reunião de diversas figuras, fossem elas ficcionais ou reais, então a preocupação com a verossimilhança caía por terra e, com ela, a exatidão das idades e das datas. No limite, os disparates cronológicos pouco lhe importavam, a não ser, talvez, como metáforas das contradições que ele intentava colocar em cena. A verdade é que o criador de *A comédia humana* estava tentando acertar o relógio com sua época e, para tanto, eram necessárias

operações bem mais ousadas do que aquelas feitas pela maior parte de seus contemporâneos. No final das contas, os números errados de Balzac é que estavam certos.

* Os leitores que ainda não conhecem o livro devem levar em conta que detalhes do enredo serão revelados nesta introdução. (N. E.)

Prefácio da edição Béchét (1834)

HONORÉ DE BALZAC

Várias pessoas perguntaram se a heroína de *O encontro*, *A mulher de trinta anos*, *O dedo de Deus*, *Dois encontros* e *A expiação* não era, com diversos nomes, o mesmo personagem. O autor não conseguiu dar nenhuma resposta a essa pergunta. Mas talvez seu pensamento esteja expresso no título que reúne essas diferentes Cenas. O personagem que atravessa, por assim dizer, os seis quadros de que se compõe *Mesma história* não é um rosto; é um pensamento. Quanto mais esse pensamento se reveste de costumes dessemelhantes, melhor transmite as intenções do autor. Sua ambição é comunicar à alma a onda de um devaneio em que as mulheres consigam despertar algumas das profundas impressões que conservaram, reanimar as lembranças esparsas na vida, para delas fazerem surgir certos ensinamentos. Havia uma lacuna muito forte nesse esboço entre *O encontro* e *A mulher de trinta anos*, o autor preencheu-a com um novo fragmento intitulado *Sofrimentos desconhecidos*. As mulheres certamente concluirão as transições imperfeitas; mas ser compreendido igualmente por todos os espíritos é coisa impossível. Existe uma religião que não tenha sido objeto de mil contradições? Não seria loucura pedir à obra miserável de um homem o favor que as instituições humanas não obtêm?

Outras críticas foram dirigidas ao autor, relativas ao brusco desaparecimento de uma moça em *Os dois encontros*. Existiriam em toda a obra incoerências mais fortes se o autor fosse obrigado a ter mais lógica do que têm os acontecimentos da vida. Aqui ele poderia dizer que as determinações mais importantes sempre são tomadas em determinado momento; que quis representar as paixões rapidamente concebidas, as quais submetem toda a existência a algum pensamento de um dia; mas por que tentaria

explicar pela lógica o que deve ser compreendido pelo sentimento? Aliás, qualquer justificação seria falsa ou inútil para os que não captam o interesse escondido em *Os dois encontros*, e cujos elementos constituem o fragmento intitulado *O dedo de Deus*, acrescido, nesta edição, por um capítulo que talvez motivará melhor a fuga da filha legítima expulsa pelo ódio de uma mãe inexorável cujo erro ela não quer acusar. Aventuras dessa espécie são menos raras que se pensa. Embora a vida social tenha, tanto quanto a vida física, leis aparentemente imutáveis, vocês não encontrarão em nenhum lugar o corpo nem o coração regulares como a trigonometria de Legendre. Se o autor não pode pintar todos os caprichos dessa dupla vida, ao menos deve lhe ser permitido escolher aqueles que lhe parecem os mais poéticos.

Paris, 25 de março de 1834.

A mulher de trinta anos

Dedicado a Louis Boulanger, pintor

No começo do mês de abril de 1813, houve um domingo cuja manhã prometia um desses lindos dias em que os parisienses veem pela primeira vez do ano suas calçadas sem lama e seu céu sem nuvens. Antes do meio-dia, um cabriolé de duas rodas puxado por dois cavalos fogosos desembocou na rua de Rivoli pela rua de Castiglione e parou atrás de várias carruagens estacionadas ao lado da grade recém-aberta no meio do terraço dos Feuillants. Essa carruagem ligeira era conduzida por um homem aparentemente preocupado e doentio; os cabelos grisalhos mal cobriam seu crânio amarelado e o envelheciam precocemente; ele jogou as rédeas para o laçao a cavalo que seguia seu carro e desceu para pegar nos braços uma moça cuja beleza delicada atraiu a atenção dos ociosos que passeavam pelo terraço. A criaturinha, condescendente, deixou-se agarrar pela cintura quando ficou de pé no estribo e passou seus braços em volta do pescoço de seu guia, que a pôs na calçada sem amarrotar a armação de seu vestido de repes verde. Um amante não teria tido tanto cuidado. O desconhecido devia ser o pai dessa criança, que, sem lhe agradecer, pegou-lhe familiarmente o braço e o arrastou abruptamente para o jardim. O velho pai reparou nos olhares maravilhados de certos rapazes, e a tristeza estampada em seu rosto apagou-se por um instante. Embora tivesse chegado, havia algum tempo, à idade em que os homens devem se contentar com as enganosas fruições dadas pela vaidade, ele sorriu.

— Pensam que você é minha mulher — disse ao ouvido da jovem, reerguendo-se e andando com uma lentidão que a desesperou.

Parecia demonstrar vaidade com a filha, e talvez desfrutasse mais que ela dos olhares que os curiosos lançavam para seus pezinhos calçados com borzeguins de seda cinza, para uma cintura deliciosa desenhada por um vestido de corpete fino e para o pescoço viçoso

que uma gola bordada não escondia inteiramente. Os movimentos do andar às vezes levantavam o vestido da moça e permitiam ver, acima dos borzeguins, uma perna roliça finamente modelada por uma meia de seda rendada. Assim, mais de um passante ultrapassou o casal para admirar ou rever o rosto jovem em torno do qual balançavam alguns cachos de cabelos castanhos, e cuja alvura e encarnado eram realçados tanto pelos reflexos do cetim rosa que forrava um elegante chapéu como pelo desejo e impaciência que cintilavam em todas as feições dessa linda criatura. Uma suave malícia animava seus belos olhos pretos, amendoados, dominados por sobranceiras bem arqueadas, debruados por longos cílios que banhavam num fluido puro. A vida e a juventude exibiam seus tesouros nesse rosto travesso e num busto ainda gracioso, apesar da cintura então marcada sob o seio. Insensível às homenagens, a moça olhava com uma espécie de ansiedade o castelo das Tuileries, provável objetivo de seu petulante passeio. Faltavam quinze para meio-dia. Por mais matinal que fosse essa hora, várias mulheres, que todas queriam se mostrar com bonitas toaletes, voltavam do castelo, não sem virar a cabeça com ar amuado, como se estivessem arrependidas de terem ido tarde demais desfrutar de um espetáculo desejado. Algumas palavras que escaparam do mau humor dessas belas passantes desapontadas, e agarradas no ar pela linda desconhecida, a haviam inquietado singularmente. O velho espiava com um olhar mais curioso que zombeteiro os sinais de impaciência e temor que se alternavam no rosto encantador de sua companheira, e a observava talvez com muito cuidado para não ter nenhuma segunda intenção paterna.

Esse domingo era o décimo terceiro do ano de 1813. Dois dias depois Napoleão partiria para aquela campanha fatal em que perderia sucessivamente Bessières e Duroc, ganharia as memoráveis batalhas de Lützen e de Bautzen, iria se ver traído pela Áustria, a Saxônia, a Baviera, por Bernadotte, e disputaria a terrível batalha de Leipzig. A magnífica parada encomendada pelo imperador devia ser a última dessas que por tanto tempo excitaram a admiração dos parisienses e dos estrangeiros. A velha guarda ia executar pela última vez as manobras engenhosas cuja pompa e

precisão espantaram por vezes até esse próprio gigante, que então se preparava para seu duelo com a Europa. Um sentimento triste levava às Tuileries uma brilhante e curiosa população. Todos pareciam adivinhar o futuro e pressentiam talvez que mais uma vez a imaginação teria de retrair o quadro dessa cena, quando esses tempos heroicos da França adquirissem, como hoje, tons quase fabulosos.

— Vamos mais depressa, meu pai — dizia a jovem com jeito impaciente, arrastando o velho. — Estou ouvindo os tambores.

— São as tropas que entram nas Tuileries — ele respondeu.

— Ou que desfilam, todo mundo está indo! — ela retrucou com amargura infantil, que fez o velho sorrir.

— A parada só começa ao meio-dia e meia — disse o pai, que andava quase atrás de sua impetuosa filha.

Ao ver o movimento que ela imprimia a seu braço direito, vocês diriam que o utilizava para correr. Sua mãozinha, bem enluvada, amarrotava impaciente um lenço e parecia o remo de um barco que fende as ondas. De vez em quando, o velho sorria; mas às vezes expressões preocupadas também entristeciam passageiramente seu rosto descarnado. Seu amor por essa bela criatura o fazia tanto admirar o presente como temer o futuro. Parecia pensar: “Hoje ela está feliz, acaso será sempre?”. Pois os velhos são bastante propensos a dotar com suas tristezas o futuro dos jovens. Quando pai e filha chegaram ao peristilo do pavilhão em cujo alto tremulava a bandeira tricolor, e por onde os passantes vão e vêm pelo jardim das Tuileries até o Carrousel, as sentinelas lhes gritaram com voz grave:

— Ninguém mais passa adiante!

A menina se ergueu na ponta dos pés e conseguiu entrever uma multidão de mulheres enfeitadas que se amontoava nas laterais da velha arcada de mármore por onde o imperador devia sair.

— Está vendo só, meu pai, saímos muito tarde.

Seu pequeno muxoxo pesaroso traía a importância que ela dera em comparecer a esse desfile.

— Pois então, Julie, vamos embora, você não gosta de ser pisoteada!

— Fiquemos, meu pai. Daqui ainda posso avistar o imperador; se ele morresse durante a campanha, eu nunca o teria visto.

O pai estremeceu ao ouvir essas palavras egoístas, sua filha tinha a voz embargada; olhou para ela e teve a impressão de observar sob suas pálpebras abaixadas algumas lágrimas causadas menos pelo despeito que por uma dessas primeiras tristezas cujo segredo, para um velho pai, é fácil adivinhar. De repente Julie corou e soltou uma exclamação cujo significado não foi entendido pelas sentinelas nem pelo velho. Diante desse grito um oficial que se lançava do pátio para a escada virou-se abruptamente, avançou até a arcada do jardim, reconheceu a jovem um instante escondida pelos altos gorros de pelo dos granadeiros, e logo abrandou, para ela e para o pai, a ordem que ele mesmo dera; depois, sem se preocupar com os murmúrios da multidão elegante que assediava a arcada, atraiu suavemente para si a menina encantadora.

— Já não me espanto com a raiva e a pressa dela, pois você estava de serviço — disse o velho ao oficial num tom tão sério como zombeteiro.

— Senhor duque — respondeu o rapaz —, se quiserem ficar bem colocados, não vamos nos distrair com conversas. O imperador não gosta de esperar, e estou encarregado pelo grande marechal de ir avisá-lo.

Enquanto falava, pegou com certa familiaridade o braço de Julie e arrastou-a depressa para o Carrousel. Julie avistou surpresa uma multidão imensa que se comprimia no pequeno espaço compreendido entre as muralhas cinzentas do palácio e os marcos presos pelas correntes que desenham grandes quadrados arenosos no meio do pátio das Tuileries. O cordão de sentinelas, instalado para deixar uma passagem livre para o imperador e seu estado-maior, tinha muita dificuldade em não ser derrubado por essa multidão apressada e zunindo como um enxame.

— Vai ser bem bonito — disse Julie sorrindo.

— Mas tome cuidado — exclamou o oficial, que pegou Julie pela cintura e a levantou com tanto vigor quanto rapidez para transportá-la até perto de uma coluna.

Sem essa retirada abrupta, sua parente curiosa acabaria machucada pelo traseiro do cavalo branco, ajaezado com uma sela de veludo verde e dourado, que o mameluco¹ de Napoleão segurava pelas rédeas, quase debaixo da arcada, a dez passos atrás de todos os cavalos que esperavam os grandes oficiais, companheiros do imperador. O rapaz instalou pai e filha perto do primeiro marco à direita, diante da multidão, e com um sinal de cabeça os recomendou aos dois velhos granadeiros entre os quais estavam. Quando o oficial voltou para o palácio, um ar de felicidade e alegria sucedera em seu rosto ao súbito pavor que o recuo do cavalo lhe causara; Julie apertara misteriosamente sua mão, fosse para agradecer-lo pelo pequeno favor que ele acabava de lhe prestar, fosse para lhe dizer: “Finalmente vou poder vê-lo!”. Até mesmo inclinou suavemente a cabeça em resposta à saudação respeitosa que o oficial lhe fez, assim como a seu pai, antes de desaparecer com presteza. O velho, que parecia ter deixado de propósito os dois jovens juntos, permanecia numa atitude grave, um pouco atrás da filha; mas a observava de soslaio, e tentava lhe inspirar uma falsa segurança ao parecer absorto na contemplação do magnífico espetáculo oferecido no Carrousel. Quando Julie fixou no pai o olhar de uma colegial inquieta com o professor, o velho lhe respondeu com um sorriso de alegria benevolente; mas seus olhos penetrantes seguiram o oficial até a arcada, e nenhum acontecimento dessa cena rápida lhe escapou.

— Que lindo espetáculo! — disse Julie baixinho, apertando a mão do pai.

O aspecto pitoresco e grandioso que o Carrousel apresentava nesse momento fazia milhares de espectadores proferirem essa exclamação, e todos os rostos estavam boquiabertos de admiração. Outra fileira de gente, tão apertada quanto aquela onde o velho e sua filha estavam, ocupava numa linha paralela ao castelo o espaço estreito e pavimentado que ladeia a grade do Carrousel. Essa multidão acabava de desenhar vigorosamente, pela variedade das toaletes femininas, o imenso retângulo formado pelos edifícios das Tuileries e essa grade então recém-instalada. Os regimentos da

velha guarda que iam ser passados em revista enchiam esse vasto terreno, onde figuravam diante do palácio como imponentes linhas azuis de dez fileiras de profundidade. Mais além do recinto, e também no Carrousel, estavam, em outras linhas paralelas, vários regimentos de infantaria e de cavalaria prontos para desfilar sob o arco do Triunfo que ornamenta o meio da grade, e no alto do qual se viam, nessa época, os magníficos cavalos de Veneza. A banda de música dos regimentos, instalada sob as galerias do Louvre, estava escondida pelos lanceiros poloneses de serviço. Grande parte do quadrado arenoso permanecia vazio como uma arena preparada para os movimentos desses corpos silenciosos cujos volumes, dispostos com a simetria da arte militar, refletiam os raios do sol nas lâminas triangulares de dez mil baionetas. O ar, agitando os penachos dos soldados, fazia-os ondular como as árvores de uma floresta vergadas sob um vento impetuoso. Essas velhas tropas, mudas e brilhantes, ofereciam mil contrastes de cores devido à diversidade dos uniformes, dos enfeites, das armas e das agulhetas. Esse imenso quadro, miniatura de um campo de batalha antes do combate, estava poeticamente emoldurado, com todos os seus acessórios e acidentes estranhos, pelos altos prédios majestosos cuja imobilidade parecia imitada pelos chefes e soldados. O espectador comparava involuntariamente esses muros de homens com aqueles muros de pedra. O sol da primavera, que jogava profusamente sua luz sobre os muros brancos recém-construídos e sobre os muros seculares, iluminava plenamente esses inúmeros rostos morenos que, todos, contavam perigos passados e esperavam gravemente os perigos futuros. Os coronéis de cada regimento iam e vinham sozinhos diante das frentes formadas por esses homens heroicos. Depois, atrás das massas de tropas coloridas de prata, azul, púrpura e ouro, os curiosos podiam avistar as bandeirolas tricolores presas nas lanças de seis incansáveis cavaleiros poloneses, que, semelhantes a cães guiando um rebanho ao longo de um campo, rodopiavam sem parar entre as tropas e os curiosos, para impedir esses últimos de ultrapassar o pequeno espaço de terreno que lhes era concedido ao lado da grade imperial. Não fossem esses movimentos, as pessoas poderiam imaginar que

estavam no palácio da Bela Adormecida. A brisa da primavera, que passava sobre os gorros de pelos compridos dos granadeiros, atestava a imobilidade dos soldados, assim como o surdo murmúrio da multidão marcava seu silêncio. Só às vezes a retumbância de um chapéu chinês² ou alguma leve batida dada por inadvertência num grande tambor e repetida pelos ecos do palácio imperial, pareciam esses trovões distantes que anunciam uma tempestade. Um entusiasmo indescritível explodia na expectativa da multidão. A França ia dar adeus a Napoleão, na véspera de uma campanha cujos perigos eram previstos pelo mais humilde cidadão. Tratava-se, desta vez, para o Império francês, de ser ou não ser. Esse pensamento parecia animar a população urbana e a população armada que se comprimiam, igualmente silenciosas, no recinto em que pairavam a águia e o gênio de Napoleão. Esses soldados, esperança da França, esses soldados, sua última gota de sangue, também alimentavam, em grande parte, a inquieta curiosidade dos espectadores. Entre a maioria dos assistentes e dos militares, também se davam adeuses talvez eternos; mas todos os corações, até os mais hostis ao imperador, dirigiam ao céu votos ardentes pela glória da pátria. Todos os homens mais cansados da luta começada entre a Europa e a França tinham deposto seus ódios ao passarem sob o arco do Triunfo, compreendendo que na hora do perigo Napoleão era a França inteira. O relógio do castelo bateu meia hora. Nesse momento os zum-zuns da multidão cessaram, e o silêncio tornou-se tão profundo que se ouviria a voz de uma criança. O velho e a filha, que pareciam viver unicamente pelos olhos, distinguiram então um ruído de esporas e um tilintar de espadas que ressoaram sob o sonoro peristilo do castelo.

Um homem baixo bastante gordo, vestindo um uniforme verde, culote branco e calçando botas de montar, surgiu de repente mantendo na cabeça um chapéu de três bicos tão prestigioso como o próprio homem; a larga fita vermelha da Legião de Honra flutuava sobre seu peito, uma pequena espada pendia de lado. O homem foi visto por todos os olhos, e ao mesmo tempo de todos os pontos da praça. Logo os tambores rufaram o toque de continência, as duas

orquestras iniciaram uma frase cuja expressão guerreira foi repetida por todos os instrumentos, da mais doce flauta até a maior caixa. Diante dessa chamada belicosa, as almas estremeceram, as bandeiras saudaram, os soldados apresentaram armas num movimento unânime e regular que agitou os fuzis da primeira à última fila no Carrousel. Ordens de comando lançaram-se de fila em fila, como ecos. Gritos de “Viva o imperador!” foram lançados pela multidão entusiasmada. Finalmente, tudo vibrou, tudo se mexeu, tudo se pôs em marcha. Napoleão estava montado a cavalo. Esse movimento imprimira vida àquelas massas silenciosas, dera voz aos instrumentos, um ímpeto às águias e às bandeiras, uma emoção a todos os rostos. Os muros das altas galerias do velho palácio também pareciam gritar: “Viva o imperador!”. Não foi algo humano, foi uma magia, um simulacro da potência divina, ou melhor, uma imagem fugaz daquele reino tão fugaz. O homem cercado de tanto amor, entusiasmo, dedicação, votos, para quem o sol expulsara as nuvens do céu, permaneceu em seu cavalo, três passos à frente do pequeno esquadrão dourado que o seguia, tendo o grande marechal à sua esquerda, o marechal de serviço à sua direita. Em meio a tantas emoções suscitadas por ele, nenhum traço de seu rosto pareceu se comover.

— Ah, meu Deus, sim! Em Wagram, no meio do fogo, no Moscova, entre os mortos, *e/le* é sempre a tranquilidade em pessoa.

Essa resposta a inúmeras interrogações era dada pelo granadeiro que estava perto da jovem. Julie ficou um instante absorta na contemplação daquela figura, cuja calma indicava tão grande segurança de poder. O imperador avistou a srta. de Chatillonest e inclinou-se para Duroc, dizendo-lhe uma frase curta que fez o grande marechal sorrir. As manobras começaram. Se até então a jovem dividira sua atenção entre a figura impassível de Napoleão e as linhas azuis, verdes e vermelhas das tropas, nesse momento ocupou-se quase exclusivamente, em meio aos movimentos rápidos e regulares executados por aqueles velhos soldados, de um jovem oficial que corria a cavalo entre as linhas móveis e voltava numa incansável atividade para o grupo à frente do qual brilhava o simples Napoleão. Esse oficial montava um fantástico cavalo preto e se fazia

notar, no meio daquela multidão agaloada, pelo belo uniforme azul-celeste dos oficiais de ordenança do imperador. Seus bordados cintilavam tão intensamente ao sol, e o penacho de sua barretina estreita e comprida recebia clarões tão fortes que os espectadores poderiam compará-lo a um fogo-fátuo, a uma alma invisível encarregada pelo imperador de animar, conduzir aqueles batalhões cujas armas ondulantes lançavam chamas, quando, com um simples sinal de seus olhos, eles se dividiam, se juntavam, rodopiavam como as ondas de um abismo ou passavam diante dele como essas vagas longas, retas e altas que o oceano enfurecido dirige para suas praias.

Quando as manobras terminaram, o oficial de ordenança correu a toda a velocidade e parou diante do imperador para esperar as ordens. Nesse instante, estava a vinte passos de Julie, defronte do grupo imperial, numa atitude bem parecida com a que Gérard deu ao general Rapp no quadro da Batalha de Austerlitz. A jovem pôde então admirar seu namorado em todo o seu esplendor militar. O coronel Victor d'Aiglemont, com apenas trinta anos, era alto, de boa aparência, esbelto; e sua bela constituição nunca sobressaía tão bem do que quando ele empregava a força para governar um cavalo cujo dorso elegante e flexível parecia vergar debaixo de si. Seu rosto másculo e moreno possuía esse encanto inexplicável que uma perfeita regularidade de feições comunica a semblantes jovens. Sua fronte era larga e alta. Seus olhos de fogo, ombreados por sobancelhas grossas e cílios compridos, desenhavam-se como duas ovas brancas entre duas linhas pretas. Seu nariz oferecia a graciosa curva de um bico de águia. O púrpura dos lábios era realçado pelas sinuosidades do inevitável bigode preto. Suas faces largas e fortemente coradas ofereciam tons castanhos e amarelos que denotavam um vigor extraordinário. Sua figura, uma dessas que a bravura marcou com seu sinete, exibia o tipo que hoje o artista procura quando pensa em representar um dos heróis da França imperial. O cavalo encharcado de suor, e cuja cabeça agitada expressava extrema impaciência, com as duas patas dianteiras afastadas e paradas numa mesma linha sem que uma ultrapassasse a outra, balançava a crina comprida de sua cauda

fornida; e sua dedicação oferecia uma imagem material daquela que seu dono tinha pelo imperador. Ao ver seu amado tão ocupado em captar os olhares de Napoleão, Julie sentiu um instante de ciúme pensando que ele ainda não olhara para ela. De repente, o soberano pronuncia uma ordem, Victor esporeia os flancos de seu cavalo e parte a galope; mas a sombra de um marco projetada na areia assusta o animal, que se amedronta, recua, empina, e tão abruptamente que o cavaleiro parece em perigo. Julie dá um grito, empalidece; todos a olham com curiosidade; ela não vê ninguém; seus olhos estão presos no cavalo demasiado feroso, que o oficial castiga enquanto corre para transmitir as ordens de Napoleão. Essas cenas assombrosas absorviam tanto Julie, que, sem querer, ela se agarrara no braço do pai, a quem revelava involuntariamente seus pensamentos pela pressão mais ou menos intensa de seus dedos. Quando Victor estava prestes a ser derrubado pelo cavalo, ela se agarrou ainda mais violentamente ao pai, como se ela mesma corresse perigo de cair. O velho contemplava com sombria e dolorosa inquietação o rosto radioso da filha, e sentimentos de piedade, ciúme, lástima até, deslizaram por todas as suas rugas contraídas. Mas quando o brilho inabitual dos olhos de Julie, o grito que ela acabava de dar e o movimento convulso de seus dedos lhe revelaram um amor secreto, sem dúvida ele deve ter tido certas tristes revelações do futuro, pois seu rosto mostrou então uma expressão sinistra. Nesse momento, a alma de Julie parecia ter passado para a do oficial. Um pensamento mais cruel que todos aqueles que tinham assustado o velho crispou as feições de seu rosto, que sofreu ao ver D'Aiglemont trocando, ao passar diante deles, um olhar de cumplicidade com Julie, cujos olhos estavam úmidos e cuja tez adquirira extraordinária vivacidade. Ele levou bruscamente a filha para o jardim das Tuileries.

— Mas, meu pai — ela dizia —, ainda há na praça do Carrousel regimentos que vão manobrar.

— Não, minha filha, todas as tropas desfilaram.

— Acho, meu pai, que o senhor se engana. O sr. d'Aiglemont deve tê-las feito avançar...

— Mas minha filha, estou me sentindo mal e não quero ficar.

Julie não custou a acreditar em seu pai quando fixou os olhos naquele rosto a que as inquietações paternas davam um ar abatido.

— Está sofrendo muito? — perguntou com indiferença, de tal modo estava preocupada.

— Cada dia não é um dia de dádiva para mim? — perguntou o velho.

— Mas o senhor vai de novo me afligir falando de sua morte. Eu estava tão alegre! Por favor, expulse suas ideias negras e ruins.

— Ah! — exclamou o pai dando um suspiro —, menina mimada! Os melhores corações são às vezes bem cruéis. Então dedicar-lhes nossa vida, só pensar em vocês, preparar o seu bem-estar, sacrificar nossos gostos pelas suas fantasias, adorá-las, dar-lhes até mesmo nosso sangue, isso não é nada? Infelizmente, sim, vocês aceitam tudo com descaso. Para obter sempre seus sorrisos e seu amor desdenhoso, seria preciso ter o poder de Deus. Depois, enfim, um outro chega! Um amante, um marido nos sequestram os seus corações.

Julie, espantada, olhou para o pai, que andava devagar e lançava-lhe olhares sem brilho.

— Vocês até se escondem de nós — ele continuou —, mas talvez também de vocês mesmas.

— Mas o que está dizendo, meu pai?

— Penso, Julie, que você esconde segredos de mim. — Está amando — recomeçou o velho com vivacidade, percebendo que a filha acabava de enrubescer. — Ah, eu esperava vê-la fiel a seu velho pai até a morte, esperava conservá-la perto de mim feliz e radiosa! Admirá-la como era ainda ontem. Ignorando sua sorte, eu poderia crer num futuro tranquilo para você; mas agora é impossível ter uma esperança de felicidade para a sua vida, pois você ama ainda mais a figura do coronel que do primo. Não posso mais duvidar.

— Por que me seria proibido amá-lo? — ela exclamou com profunda expressão de curiosidade.

— Ah! minha Julie, você não compreenderia — respondeu o pai suspirando.

— Mas diga — ela retrucou, deixando escapar um gesto de rebeldia.

— Pois bem, minha filha, escute-me! As moças costumam criar nobres, encantadoras imagens, figuras totalmente ideais, e forjam ideias quiméricas sobre os homens, sobre os sentimentos, sobre o mundo; depois atribuem inocentemente a um caráter as perfeições com que sonharam e a ele se entregam; amam no homem de sua escolha essa criatura imaginária; porém, mais tarde, quando já não há tempo de se livrar da desgraça, a aparência enganadora que embelezaram, o primeiro ídolo enfim transforma-se num esqueleto odioso. Julie, eu preferiria saber que você está apaixonada por um velho a vê-la amando o coronel. Ah! se você pudesse se transportar na vida para daqui a dez anos, faria justiça à minha experiência. Conheço Victor: sua alegria é uma alegria sem espírito, uma alegria de caserna, ele não tem talento e é gastador. É um desses homens que o céu criou para tomar e digerir quatro refeições por dia, dormir, amar a primeira que aparece e combater. Não compreende a vida. Seu bom coração, pois ele tem bom coração, o arrastará talvez a dar seu dinheiro a um infeliz, a um camarada; mas é despreocupado, mas não é dotado dessa delicadeza de coração que nos torna escravos da felicidade de uma mulher; mas é ignorante, egoísta... Há muitos *mas*.

— No entanto, meu pai, ele precisa ter espírito, e meios, para ter sido promovido a coronel...

— Minha querida, Victor permanecerá coronel pelo resto da vida. Ainda não vi ninguém que me pareça digno de você — o velho pai recomeçou com uma espécie de entusiasmo. Parou um instante, contemplou a filha e acrescentou: — Mas, minha pobre Julie, você ainda é muito jovem, muito frágil, muito delicada para suportar as tristezas e os aborrecimentos do casamento. D'Aiglemont foi mimado pelos pais, assim como você também foi por sua mãe e por mim. Como esperar que poderão se entender, com vontades diferentes cujas tiranias serão inconciliáveis? Você será vítima ou tirana. Uma ou outra coisa traz uma soma igual de desgraças na vida de uma mulher. Mas você é meiga e modesta, se dobrará primeiro. Por fim — disse com voz alterada —, você tem uma graça

de sentimento que será ignorada, e então... — Não terminou, as lágrimas o assaltaram. — Victor — recomeçou depois de uma pausa — ferirá as qualidades ingênuas de sua alma jovem. Conheço os militares, minha Julie; vivi no Exército. É raro que o coração dessa gente consiga vencer hábitos produzidos ou pelas desgraças no meio das quais vivem, ou pelos acasos de suas vidas aventureiras.

— Então o senhor quer, meu pai — Julie retrucou num tom que era um meio-termo entre a seriedade e a brincadeira —, contrariar meus sentimentos, casar-me pensando em si e não em mim?

— Casá-la pensando em mim! — exclamou o pai com um gesto de surpresa. — Em mim, minha filha, cuja voz tão amigavelmente ralhadora em breve você não mais ouvirá? Sempre vi os filhos atribuindo a um sentimento pessoal os sacrifícios que os pais fazem por eles! Case-se com Victor, minha Julie. Um dia deplorará amargamente a nulidade dele, sua falta de ordem, seu egoísmo, sua indelicadeza, sua inépcia no amor e mil outras tristezas que lhe virão por ele. Então, lembre-se de que, sob estas árvores, a voz profética de seu velho pai ressoou em vão em seus ouvidos!

O velho se calou, flagrara a filha meneando a cabeça de um jeito insubmisso. Os dois deram uns passos até a grade onde a carruagem estava parada. Durante essa marcha silenciosa a moça examinou furtivamente o rosto do pai e foi desfazendo, pouco a pouco, seu semblante amuado. A dor profunda gravada naquela fronte inclinada para o chão causou-lhe viva impressão.

— Prometo-lhe, meu pai — disse com voz doce e alterada —, não lhe falar de Victor até que o senhor volte atrás em suas desconfianças contra ele.

O velho olhou para a filha com espanto. Duas lágrimas que rolavam de seus olhos caíram por suas faces enrugadas. Não conseguiu beijar Julie diante da multidão que os cercava, mas apertou ternamente sua mão. Quando subiu na carruagem, todos os pensamentos preocupados que tinham se amontoado em sua fronte haviam desaparecido por completo. A atitude um pouco triste da filha já o afligia bem menos que a alegria inocente cujo segredo escapara de Julie durante o desfile.

Nos primeiros dias do mês de março de 1814, um pouco menos de um ano depois dessa revista do imperador, uma caleça andava na estrada de Amboise a Tours. Ao deixar a cúpula verde das nogueiras sob as quais se escondia a posta da Frillière, esse carro foi levado com tal rapidez que num instante chegou à ponte construída sobre o Cise, na foz desse rio no Loire, e ali parou. Um tirante acabava de se quebrar depois do movimento impetuoso que, por ordem do patrão, o jovem postilhão desferira em quatro dos mais vigorosos cavalos da posta. Assim, por um efeito do acaso, as duas pessoas que estavam na caleça tiveram tempo de contemplar, ao acordarem, um dos lugares mais bonitos que podem apresentar as fascinantes margens do Loire. À direita, o viajante abarca com um olhar todas as sinuosidades do Cise, que se enrola como uma serpente prateada na relva dos prados a que os primeiros brotos da primavera davam então cores de esmeralda. À esquerda, o Loire aparece em toda a sua magnificência. As inúmeras facetas do vaivém da marola, produzidas por uma brisa matinal um pouco fria, refletiam as cintilações do sol sobre os vastos lençóis desdobrados por esse rio majestoso. Aqui e ali, ilhas verdejantes se sucedem na extensão das águas, como os engastes de um colar. Do outro lado do rio, os mais belos campos da Touraine desenrolam seus tesouros a perder de vista. Ao longe, o olhar não encontra outros limites além das colinas do Cher, cujos cimos desenhavam nesse momento linhas luminosas contra o transparente azul do céu. Através da tenra folhagem das ilhas, no fundo do quadro, Tours parece, como Veneza, sair do seio das águas. Os campanários de sua velha catedral lançam-se nos ares, onde se confundiam então com as criações fantásticas de algumas nuvens esbranquiçadas. Além da ponte sobre a qual a caleça estava parada, o viajante avista diante de si, ao longo do Loire até Tours, uma cadeia de rochedos que, por uma fantasia da natureza, parece ter sido pousada para conter o rio cujas ilhotas minam incessantemente a pedra, espetáculo que sempre causa espanto no viajante. A cidadezinha de Vouvray encontra-se como que num nicho nas gargantas e nos desabamentos dessas rochas, que começam a descrever uma curva fechada diante da ponte do Cise. Depois, de Vouvray a Tours,

as assustadoras anfractuosidades dessa colina dilacerada são habitadas por uma população de viticultores. Em mais de um lugar existem três andares de casas, escavadas na rocha e reunidas por perigosas escadas talhadas diretamente na pedra. No alto de um telhado, uma moça de saiote vermelho corre para seu jardim. A fumaça de uma chaminé eleva-se entre os sarmentos e o pântano nascente de uma vinha. Os lavradores cultivam os campos perpendiculares. Uma velha, sossegada sobre um pedaço de rocha desmoronada, gira sua roca debaixo das flores de uma amendoeira e olha os viajantes passarem a seus pés, sorrindo de seu espanto. Inquieta-se tão pouco com as rachaduras do solo como com as ruínas penduradas de um velho muro cujas bases não estão mais presas senão por tortuosas raízes de um manto de hera. O martelo dos toneleiros faz ressoarem as abóbadas de adegas aéreas. Enfim, a terra é por todo lado cultivada e por todo lado fecunda, ali onde a natureza recusou terra à indústria humana. Assim, nada é comparável, no curso do Loire, ao rico panorama que a Touraine apresenta aos olhos do viajante. O triplo quadro dessa cena, cujos aspectos são apenas indicados, proporciona à alma um desses espetáculos que ela inscreve para sempre na lembrança; e quando um poeta desfrutou disso, seus sonhos costumam reconstruir-lhe, fabulosamente, seus efeitos românticos. Quando o veículo chegou à ponte de Cise, várias velas brancas surgiam entre as ilhas do Loire e deram uma nova harmonia a esse lugar harmonioso. O cheiro dos salgueiros à beira do rio acrescentava perfumes penetrantes ao gosto da brisa úmida. Os pássaros faziam ouvir seus prolixos concertos; o canto monótono de um guardador de cabras a isso acrescentava uma espécie de melancolia, enquanto os gritos dos barqueiros anunciavam uma agitação longínqua. Vapores indolentes, caprichosamente parados em torno das árvores esparsas nessa vasta paisagem, imprimiam-lhe uma derradeira graça. Era a Touraine em toda a sua glória, a primavera em todo o seu esplendor. Essa parte da França, a única que os exércitos estrangeiros não iriam perturbar, era nesse momento a única que estava tranquila, e poderia se dizer que desafiava a Invasão.

Uma cabeça coberta por um quepe de polícia mostrou-se fora da caleça assim que ela parou de andar; logo um militar impaciente abriu pessoalmente a portinhola e pulou para a estrada como quem fosse comprar briga com o postilhão. A inteligência com que esse oriundo da Touraine consertava o tirante quebrado serenou o coronel conde d'Aiglemont, que voltou para a portinhola esticando os braços como para estender seus músculos entorpecidos; bocejou, olhou a paisagem e pôs a mão no braço de uma jovem mulher cuidadosamente envolta numa *vitcheura*.³

— Ei, Julie, acorde para observar a região! É magnífica — disse com voz rouca.

Julie pôs a cabeça para fora da caleça. Um gorro de marta servia-lhe de chapéu, e as pregas do mantô de pele em que estava enrolada disfarçavam tão bem suas formas que só se podia ver seu rosto. Julie d'Aiglemont já não parecia a moça que outrora corria com alegria e felicidade ao desfile das Tuileries. Seu rosto, sempre delicado, estava privado das cores róseas que antigamente lhe davam um brilho tão intenso. Os tufos pretos dos cabelos desfrisados pela umidade da noite realçavam a brancura opaca de seu rosto, cuja vivacidade parecia entorpecida. No entanto, seus olhos brilhavam como um fogo sobrenatural; mas abaixo de suas pálpebras certos tons violeta desenhavam-se sobre suas faces cansadas. Ela examinou com olhar indiferente os campos do Cher, o Loire e suas ilhas, Tours e os longos rochedos de Vouvray; depois, sem querer olhar para o vale maravilhoso do Cise, jogou-se prontamente no fundo da caleça e disse com uma voz que ao ar livre parecia de extrema fraqueza: “Sim, é admirável”. Como se vê, para sua tristeza ela derrotara o pai.

— Julie, você não gostaria de viver aqui?

— Oh! Aqui ou em outro lugar — disse ela com indiferença.

— Está se sentindo mal? — perguntou-lhe o coronel d'Aiglemont.

— De jeito nenhum — respondeu a jovem mulher com uma vivacidade momentânea. Contemplou o marido sorrindo e acrescentou: — Estou com vontade de dormir.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A mulher de trinta anos" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).